

Heroes&Cowards: The Social Face of War

by Dora L. Costa e Matthew E. Kahan

Publisher: Princeton and Oxford: Princeton University Press, 2008

Resenha de **Pedro Carvalho de Mello**

Professor Associado, ESALQ/USP

O livro de Dora Costa e Matthew (CK) marca, na minha opinião, um importante passo na ampliação do campo da história econômica, no que diz respeito a explicar fenômenos, aparentemente, de natureza não econômica.

Heroísmo e covardia são fortes sentimentos humanos, que se exarcebam em situações limites, tais como guerras. Em geral, o que sabemos sobre esses sentimentos nos é transmitido por relatos de sobreviventes. Isso, por si mesmo, limita muito aquilo que podemos generalizar sobre o acontecimento. Afinal, só letrados escrevem livros ou cartas, e poucos estarão dispostos a relatar com toda a honestidade sua própria experiência de enfrentamento em situações em que afloram tais sentimentos. Em especial, o quanto ajudaram seus companheiros, e que riscos tomaram, inclusive ao correr perigo de morte.

Ao entendermos melhor esses sentimentos de empatia e solidariedade, ao nível individual, poderemos generalizar para a sociedade como um todo e aumentar nosso

conhecimento sobre situações de associativismo e formação de capital social.

Com efeito, o capital social é visto, hoje em dia, como uma importante força institucional para explicar o crescimento econômico dos países. Por que, por exemplo, esse tipo de capital se forma com maior intensidade em algumas regiões do Brasil (como no Sul), e é tão mais fraco em outras (Nordeste, por exemplo)? Como se explica a formação de redes sociais? Por que se costuma afirmar que existe, no Brasil, pouca organização para criação de associação de bairros, cidades, consumidores, etc., para lutar por objetivos comuns? Por que o brasileiro é visto como sendo demasiado individualista, e pouco participativo no que diz respeito ao interesse coletivo?

CK desenvolveram uma inovadora metodologia empírica para analisar o comportamento heróico ou covarde dos

O capital social é visto como uma importante força institucional para explicar o crescimento econômico dos países

soldados da União na Guerra de Secessão dos Estados Unidos.

Segundo os autores, a Guerra Civil norte-americana, 1861-1865, mostrou-se um laboratório ideal para seus estudos. Apenas no Exército da União serviram dois milhões de soldados brancos, e duzentos mil soldados negros. Essa Guerra foi brutal – 1 de cada 6 soldados da União e 1 de cada 4 soldados confederados morreu durante a Guerra.

Pela maneira como que se organizavam os exércitos naquela Guerra, os soldados tinham de se incorporar a uma “companhia” – a unidade de 100 soldados – onde viviam e combatiam 24 horas por dia.

Com o apoio de uma impressionante base de dados – onde um tributo deve ser prestado ao Prof. Robert W. Fogel, mentor do projeto de estudo demográfico dos soldados durante e após a Guerra Civil – os autores utilizaram a história de vida de 41.000 soldados, brancos e negros.

CK utilizaram os instrumentos quantitativos das ciências sociais para o estudo de história, para dados obtidos sobre os registros de alistamento do US Army, campos de prisioneiros, registro de desertores, dados médicos e históricos hospitalares, registros de aposentadoria, notícias de falecimento, etc.

Para os autores, a vida sob pressão pode fazer aflorar os melhores e os piores instintos e características. Aparece a covardia ou o heroísmo. São escolhas. Por que essas escolhas são feitas?

Essa é a grande questão estudada por CK. Por que, e de onde surge o altruísmo, o sentido de identidade do grupo, e uma determinação de se sacrificar para o bem comum?

Com base em sua análise estatística e econométrica dos dados, os autores acreditam que a resposta pode ser encontrada no grau de homogeneidade das cidades de onde provinham os soldados, e do percentual (na unidade composta por 100 soldados) de soldados vindos da mesma cidade.

Segundo CK, numa comunidade mais homogênea (de 100 homens) o soldado vivia e lutava pelos demais companheiros. Havia aí maior coesão, e maior “heroísmo”. A cidade tomava conhecimento do comportamento do soldado no campo de guerra. Já numa unidade mais heterogênea, havia uma menor integração social e uma menor comunicação informal – e um maior número de casos de “covardia”.

Mais especificamente, CK mediram para cada soldado e oficial incluído na amostra de 41.000 pessoas os seguintes dados: local de nascimento, ocupação profissional, idade, percentual de soldados da mesma etnia (principalmente anglos saxões, irlandeses e alemães), grau de parentesco de soldados na mesma companhia, assim como o tamanho da população da cidade de onde vinha o soldado. A ideologia política (explicativa de maior ou menor empenho em lutar) era obtida pelo comportamento na votação em candidatos com maior ou menor comprometimento em prol da Guerra. A moral do soldado dependia também do suporte da família e da comunidade de origem, do fato do alistamento ser voluntário ou mercenário.

Com base numa série de características da amostra de 41.000 pessoas, Costa e Kahn apresentam uma análise convincente sobre os determinantes da covardia e do heroísmo, em especial a covardia ou o heroísmo mostrada em situações extremas.

É sem dúvida uma grande contribuição trazida pela historiografia econômica aos temas da psicologia do comportamento humano e da sociologia.

vida sob pressão pode
fazer aflorar os melhores
e os piores instintos e
características